

INFERÊNCIA LÓGICA E DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA

Estudo dum grupo sintagmático em Latim (construções simétricas)

Custódio Magueijo

NOTA A POSTERIORI

O tema da lição (concurso para Professor Extraordinário da Fac. de Letras da Universidade de Lisboa, 1979), foi sugerido pelo artigo de A. BORILLO, "Remarques sur les verbes symétriques français" (in *Langue Française*, nº 11, Set. 1971, pp. 17-31).

Naturalmente, o método seguido foi, na generalidade, o do autor desse artigo, mas com as adaptações (e inovações) que entendi introduzir-lhe.

Além do artigo mencionado, a bibliografia remete para trabalhos que associam, na análise linguística, os três factores: sintaxe, lógica e semântica.

Com tais "apoios", não pode dizer-se que o meu trabalho tenha grande (ou total) originalidade, mas, pelo menos (e é intencionalmente que o afirmo), a legitimidade do tema e o seu tratamento parecem-me hoje, como ontem, indiscutíveis. Para além dos referidos apoios (todos eles de grande prestígio e sem os quais o candidato não se atreveria a tocar no assunto), há um argumento que, de tão óbvio, nem sequer me ocorreu: se um conjunto (um *corpus*) significativo de vocábulos apresenta características comuns de ordem sintáctico-semântica, está, desde logo, justificado que o linguista tome esse conjunto como objecto de estudo sistemático (de orientação "estrutural" ou qualquer outra). Foi o que fiz.

E é agradável, à distância de muitos anos, aderir ainda (cientificamente) a esta "lição" (assim a lei lhe chamou).

Tipos sintagmáticos

a) $SN_1+SV+SN_2 \leftrightarrow SN_2+SV+SN_1 \leftrightarrow SN_1 \text{ et } SN_2+SV[\dots]$

b) $SN_1+SV_1+SN_2 \leftrightarrow SN_2+SV_2+SN_1$

SUMÁRIO

I – Breve introdução

1. Bibliografia
2. O refluxo da escola chomskyana (gramática generativa transformacional)
3. Os estudos de lógica linguística pré-chomskyana, o seu reatamento após o "interregno" e a constituição da semântica generativa
4. Alguns conceitos da semântica generativa:
 - a) Regras de selecção;
 - b) Regras transformacionais: estrutura profunda (semântica) – estrutura de superfície (sintaxe)
5. A lógica e a sua pertinência em certas operações de análise e descrição linguísticas:
 - a) A transformação passiva;
 - b) Construções simétricas.

Nota: Nesta introdução, far-se-á uma síntese muito rápida e incompleta (mas suficiente) de conhecimentos previamente adquiridos.

II – Construções simétricas em latim

1. *Inferência tripla* (2 de sujeito simples + 1 com sujeito conjunto):

a) Descrição estrutural genérica:

$SN_1+SV+SN_2 \leftrightarrow SN_2+SV+SN_1 \leftrightarrow SN_1 \text{ et } SN_2+SV[\dots]$

b) Tipos:

Marcus contendit cum Quinto ↔

Quintus contendit cum Marco ↔

Marcus et Quintus contendunt (inter se)

c) Constituição dum *corpus* e sua arrumação num modelo estrutural.

Exemplos dalguns sintagmas:

contendo, bello, pugno, certo (con-, de-), luctor, confligo, conflictor, dimico, congregior, disputo, discepto; loquor; disto, absum, differo, discordo, discrepo, dissideo; par, similis, aequalis, uicinus, finitimus, dispar, absimilis, dissimilis, differens...

Relações familiares (condicionadas):

frater ↔ *frater* [/soror]
soror ↔ *soror* [/frater] ...

2. *Inferência dupla* (sem sujeito conjunto):

a) Descrição estrutural genérica:

$$SN_1 + SV_1(\supset) + SN_2 \leftrightarrow SN_2 + SV_2(\supset x) + SN_1$$

b) Tipos:

Marcus dicit-aliquid Quinto ↔
Quintus audit-aliquid ex Marco

Marcus uerberat Quintum ↔
Quintus uapulat a Marco

Marcus pater est Tulliae ↔
Tullia filia est Marci

c) Constituição num *corpus* e sua arrumação num modelo estrutural

Exemplos dalguns sintagmas:

uerbero/caedo₁ ↔ *uapulo*; *uxorem duco* ↔ *nubo*;
do/mitto₁/credo₁ ↔ *accipio*; *caedo₂* ↔ *cado*;
interficio/caedo₃ ↔ *morior*; *mitto₂* ↔ *eo*;
dico ↔ *audio*; *uendo* ↔ *emo*; *punio* ↔ *poenas do*;
doceo ↔ *disco*; *fugo/terreo₁* ↔ *fugio*;
terreo₂ ↔ *timeo*; *terreo₃* ↔ *desisto*;
persuadeo ↔ *credo₂*...

Pertencem ainda a este grupo os vocábulos designativos de relações familiares, que, por motivos óbvios, são condicionados no género:

pater ↔ *filius/-a*; *mater* ↔ *filius/-a*;
dominus ↔ *seruus/-a*; *domina* ↔ *seruus/-a*;
seruus ↔ *dominus/-a*; *serua* ↔ *dominus/-a*;...

3. Sintagmas não incluídos nestes grupos

("falácias" lógico-linguísticas):

a) Tipo α:

Marcus doctus est

Marcus et Quintus docti sunt

Quintus doctus est

Tipo β:

Marcus doctus est

Marcus et Quintus docti sunt

Quintus doctus est

b) Tipo α:

Marcus amat Quintum

M. et Q. inter se amant

Quintus amat Marcum

Tipo β:

M. amat Quintum

M. et Q. inter se amant

Q. amat Marcum

4. Finalmente, faremos algumas considerações sobre a validade deste método de análise e descrição; seu valor didático; exercícios de aplicação e sugestões de trabalhos.

* *

*

Começemos então por apresentar os dois tipos principais:

a) *Marcus contendit cum Quinto*

M. et Q. *contendunt* (inter se)

Quintus contendit cum Marco

$SN_1+SV+SN_2 \leftrightarrow SN_2+SV+SN_1 \leftrightarrow SN_1 \text{ et } SN_2 \pm \text{inter se}$

b) *Marcus librum-dat Quinto* \leftrightarrow *Q. librum-accipit a Marco*

$SN_1+SV_1+SN_2 \leftrightarrow SN_2+SV_2+SN_1$

* *

*

§1. – Num momento ou noutro, o especialista de lógica é tentado a invadir os domínios da Linguística. Carnap, Russel, Bar-Hillel, etc. (e, já agora, também o nosso Prof. Vieira de Almeida), ao trabalharem com conceitos (enunciados) expressos necessariamente sob forma linguística, julgaram poder dar indispensável contribuição aos estudos linguísticos.

Ora, esta atitude, filosófica, não podia deixar de sujeitar-se às críticas cerradas do linguista "puro". A verdade é que, se este pôde demonstrar que... não devia o sapateiro subir além da chinela, também ficou patente a pertinência de pelo menos algumas perspectivas, cujo alcance, porém, só veio a ser correctamente reavaliado após o nítido refluxo da corrente chomskyana.

De facto, a gramática generativa transformacional, tanto na sua teoria *standard*, como em várias adaptações e reformulações que não lhe modificaram a essência, proscreeu, pelo menos como elemento básico da descrição linguística, qualquer consideração de carácter lógico-semântico, pondo, pelo contrário, a tónica fundamental na sintaxe e propondo uma metodologia exclusivamente formalista e mecanicista.

No entanto, mesmo em pleno "reinado" chomskyano (e não obstante o inestimável progresso que significou para os estudos linguísticos), não faltaram, desde logo, certos espíritos mais lúcidos ou mais exigentes, a aperceberem-se da sua insuficiência para descrever a totalidade do complexo fenómeno linguístico.

A título de exemplo, ocorre-me a frase lapidar e de pesada ironia do Prof. R. Jakobson, numa conferência há já muitos anos pronunciada na Faculdade de Letras de Lisboa: "*Une linguistique sans sens est une linguistique insensée.*"

Foi, portanto, nesta ordem de ideias que muitos linguistas introduziram (isto é... reintroduziram) um modelo de descrição linguística em que a interpretação lógico-semântica ocupa lugar fundamental.

Em poucas palavras, para os semanticistas generativistas, a estrutura profunda duma frase é a sua representação semântica, e não já uma estrutura sintáctica formalizada e abstracta, a qual, como se sabe, não convém totalmente às línguas naturais.

Na "Conclusion" da sua *Sémantique générative*, Galmiche resume assim os objectivos e os métodos da semântica (p. 185):

"... Há pelo menos uma previsão dos semanticistas generativistas que não cessou (nem cessa) de se verificar, e é que as considerações semânticas ganharam importância crescente no estudo das línguas naturais. Se bem que este conceito não tenha ainda adquirido autonomia bastante, a semântica permitiu, contudo, apoiá-lo fortemente, propondo uma imagem relativamente clara da noção de representação semântica, isto é, um sistema de representação do sentido que vai buscar, nomeadamente, o seu simbolismo à lógica natural. De resto, foi a partir daí que pôde nascer um novo domínio de investigação que mistura as considerações lógicas e linguísticas: a lógica natural."

§2. – Um dos problemas que se levantavam à gramática (sintaxe) chomskiana consistia no facto de que, muitas vezes, a aplicação mecânica das regras produzia frases agramaticais ou semanticamente inaceitáveis – e a inclusão de processos chamados de "subcategorização", regras de selecção, etc., veio apenas demonstrar que não era com remendos que se sustentava o modelo.

Na verdade, havia que avançar mais resolutamente ao encontro da semântica, mesmo que esse avanço viesse a significar a constituição dum modelo no qual já pouco podiam reconhecer-se os formalistas dos anos 60.

Ora, entre outros aspectos igualmente dignos de nota, a semântica generativa faz acompanhar cada estrutura linguística de elementos lógico-semânticos que vedam toda e qualquer derivação que se revele sintáctica e semanticamente inaceitável.

Tomemos como exemplo a transformação passiva.

As frases que se seguem são, duas a duas, similares na sua estrutura de superfície, mas, na verdade, só uma de cada par permite a transformação passiva – e é disso que a descrição semântica dá conta, permitindo ou impedindo a operação.

- (1) F. partiu uma cadeira
 (1a) Uma cadeira foi partida por F.
- (2) F. partiu uma perna
 (2a) *Uma perna foi partida por F.
- (3) F. tem/possui/um carro
 (3a) ?Um carro é tido/possuído/por F.
- (4) F. tem sede/...*possui sede
 (4a) *Sede é tida/*possuída/por F.
- (5) O merceeiro pesa as batatas → +PASS.
 (6) O merceeiro pcsa 70 quilos → -PASS.

DESCRIÇÃO ESTRUTURAL

- (1) PARTIR₁: SN_{agent}+SV_{erg}+O_{alien} → +PASS
 (2) PARTIR₂: SN_{est}+SV_{pred-res}+O_{inalien} → -PASS
 (3) TER₁: SN_{est}+SV_{pred}+O_{alien} → ?PASS
 (4) TER₂: SN_{est}+(SV_{pred} - O_{inalien}) → -PASS
 (5) PESAR₁: SN_{agent}+SV_{erg}+O_{concr} → +PASS
 (6) PESAR₂: SN_{est}+(SV_{pred}-SN_{x peso}) → -PASS

§3. – Neste ponto da exposição, é indispensável sublinhar o facto de que nem todas as operações lógicas são susceptíveis de receber a caracterização de operações linguísticas. De facto, o que lhes confere esse estatuto é poderem incluir derivações rigorosamente previsíveis do ponto de vista da forma, isto é, na sua sequência fonética (ou, para efeitos práticos, na sua forma tipográfica).

Apenas três exemplos de operações meramente lógicas (em sentido lato, cuidado!):

- (7) *O barómetro baixou. Logo, vai chover./
 Sinal de que vem aí chuva./
 Portanto, temos chuva não tarda./.../...*
- (8) *Gaivotas em terra, é sinal de tempestade./
 Logo, vai haver borrasca./
 Sinal de que se vem aí tempestade./...*

(9) *Todos os homens são mortais;*

Ora, Sócrates é homem;

Logo, Sócrates é mortal./Por conseguinte, é impossível que Sócrates seja imortal./.../...

§4. – Posto isto, vamos ocupar-nos dalguns casos em que a inferência lógico-semântica assume forma previsível, nos termos enunciados no 2º período do § precedente.

a) A transformação passiva, com as exceções que a semântica generativa tem obrigação de descrever, logo na estrutura de base: v. (1) a (6).

Nota: Sobre este caso, bastarão as referências feitas acima.

b) A construção recíproca.

Basta dar um exemplo simples e claro:

(10)

João ama Maria (10a)

João e Maria amam-se ↔

Maria ama João (10b)

MAS:

João ama Maria ≠ Maria ama João

Maria ama João ≠ João ama Maria

O problema que se tem levantado é o de saber qual das frases pode, com mais vantagem, constituir a estrutura de base. Duas hipóteses:

(10a)/	(10a)		
1ª (10) →	2ª	↕	→ (10)
(10b)	(10b)		

Por outras palavras: enquanto, para uns, é a construção de "sujeito conjunto" (10) que está na base do desdobramento de SN₁ et SN₂, com colocação de cada um deles, livremente, dum lado e doutro do SV, para outros, porém, é o conceito de reciprocidade, expresso analiticamente – (10a) ↔ (10b) –, que permite a construção, *derivada*, de sujeito conjunto.

Do ponto de vista da economia de meios (argumento importante em linguística formal), a 2ª hipótese parece gravemente comprometida, já que nos obriga a *pressupor, de modo absolutamente nada linguístico*, que (10a) ↔ (10b), i. é, temos de partir, desde já, dum *princípio de reciprocidade*: só as duas frases *em conjunto* permitiriam a inferência da construção recíproca (10). Pelo contrário, partindo de (10), podemos inferir não só (10a) ↔ (10b), mas também uma só delas, indiferentemente.

- c) *Certas construções simétricas, sem mudança de SV*
(V. p. 5, a)
- d) *Certas construções simétricas, com mudança de SV*
(V. p. 5, b)

PARADIGMAS

- (18) Marcus *contendit* cum Quinto
(18b) M. et Quintus *contendunt* (inter se)
- (18a) Quintus *contendit* cum Marco
- (19) Marcus *frater est* Quinti
(19b) M. et Quintus *fratres sunt*
- (19a) Quintus *frater est* Marci
- (20) Marcus Quintum *aliquid-docet*
(20a) Quintus a Marco *aliquid-discit*
- (21) Marcus *pater est* Tulliae
(21a) Tullia *filia est* Marci

Ora, o tema desta exposição refere-se precisamente aos tipos sintagmáticos acima exemplificados.

§5. – Relação comutativa de SN₁ e SN₂ à volta do mesmo SV

TIPO SN₁+SV+SN₂ ↔ ↔ ± *inter se*

Descrição extensiva (ex.):

CONTENDO: SN₁+SV+ *cum/contra/aduersus/*dat.* SN₂ ↔
SN₂+SV+ *cum/contra/aduersus/*dat.* SN₁ ↔
SN₁ et SN₂+SV±*inter se*

Descrição abreviada (mesmo exemplo):

CONTENDO: ... *cum/contra/aduersus/*dat.* SN₂ ↔ ↔ ±*inter se*

Quer dizer que o verbo *contendo* (e outros) poderiam receber a seguinte descrição formal em termos de sintaxe:

SN₁+SV+SN₂ ↔ SN₂+SV+SN₁ ↔ SN₁ *et* SN₂+SV±*inter se*

Damos a seguir uma lista de vocábulos, com a respectiva caracterização do ponto de vista da inferência lógico-semântico-sintáctica. Naturalmente, a descrição apresenta-se na sua *forma abreviada*.

TIPO SN₁+SV+SN₂ ↔ ↔ ±*inter se*

a)

contendo: ... *cum/contra/aduersus/*dat.* SN₂ ↔ ↔ ±*inter se*

bello: ... *cum/contra/aduersus, -um/*dat.* SN₂ ↔ ↔ ±*inter se*

certo: ... *cum/*dat./*abl.* SN₂ ↔ ↔ ±*inter se*

se congregare/congregor: ... *cum/*dat.* SN₂ ↔ ↔ ±*inter se*

concerto: ... *cum/*dat.* SN₂ ↔ ↔ ±[*inter se*]

decerto: ... *cum/*dat.* SN₂ ↔ ↔ ±*inter se*

confligo: ... *cum/?aduersus/?contra* SN₂ ↔ ↔ ±*inter se*

aemulor: ... *cum/dat.* SN₂ ↔ ↔ ±*inter se*

conflictor: ... *cum* SN₂ ↔ ↔ ±*inter se*

pugno: ... *cum/contra/aduersus/in+ac/*dat.* SN₂ ↔ ↔ [±*inter se*]

depugno: ... *cum/*aduersus/*dat.* SN₂ ↔ ↔ [±*inter se*]

luctor: ... *cum/?*dat./*abl.* SN₂ ↔ ↔ ±*inter se*

*congregior*₁: SN_{1-agent}+SV_{erg}+*cum/*dat.* SN_{2-agent} ↔ ↔ ±*inter se*

[*congregior*₂: SN_{1-agent}+SV_{mov}+*contra/aduersus* SN_{2-est.} //↔ ↔//]

Nota: //...// significa impedimento da operação.

loquor: ... *cum* SN₂ ↔ ↔ ±*inter se*

colloquor: ... *cum* SN₂ ↔ ↔ ±*inter se*

b)

disto: ... *ab* SN₂ ↔ ↔ ±*inter se*

absum: *ab(LOC./aliquo/ABSTRACTVM)/ex(LOC.)* SN₂ ↔ ↔ [±*inter se*]

differo: ... *ab/cum/*abl./?*dat.* SN₂ ↔ ↔ ±*inter se* (v. *differt*)

differt: SV_{impess.}+*inter* SN₁ *et* SN₂ ↔

*discordo*₁: ... *ab/cum/*abl.* SN₂ ↔ ↔ ±*inter se*

[*discordo*₂: SN_{1-agent}... *aduersus* SN_{2-est.} //↔ ↔//]

Nota: v. *congregior*₂, *supra*.

discrepo: ... *ab/cum/dat. sibi.../*dat. SN₂* ↔ ↔ [*±inter se*]
discrepat: *SV_{impess.}+inter SN_{pl}* [*↔ inter SN₁ et SN₂ ↔ SN₂ et SN₁*]
dissentio: ... *ab/cum/*dat. SN₂* ↔ ↔ *±inter se*
dissideo: ... *ab/cum/*dat. SN₂* ↔ ↔ *±inter se*
abhorreo: ... *ab SN₂* ↔ ↔ *±inter se*

c)

adsentio: ... *dat. SN₂* ↔ ↔ [*±inter se*]
consentio: ... *cum/dat. SN₂* ↔ ↔ *±inter se*
concordo: ... *cum/*dat. SN₂* ↔ ↔ [*±inter se*]
congruo: ... *cum/dat. SN₂* ↔ ↔ *±inter se*

d)

par: ... *dat./gen./cum/ac, atque, et/*abl. SN₂* ↔ ↔ *±inter se*
similis: ... *gen./dat./cum/ac, atque, et SN₂* ↔ ↔ *±inter se*
aequalis₁: ... *gen./dat. SN₂* ↔ ↔ [*±inter se*]
aequalis₂: *SN₁+SV+meus/tuus/.../ ↔ ego/tu/.../ ... gen./dat. SN₁*
uicinus: ... *dat. SN₂* ↔ ↔ [*±inter se*]
finitimus: ... *dat. SN₂* ↔ ↔ [*±inter se*]

e)

dispar: ... *dat./gen. sui.../SN₂* ↔ ↔ [*±inter se*]
dissimilis: ... *dat./gen./ et SN₂* ↔ ↔ [*±inter se*]
absimilis: ... *dat./gen. SN₂* ↔ ↔ [*±inter se*]

* *
 *

Dissemos atrás que a descrição estrutural, em semântica generativa, deve obstar a derivações inaceitáveis. Vamos exemplificar com algumas frases:

Marcus et Quintus similes sunt [inter se]
 **Marcus similis est* (mas sim: ↔ *M. similis est Quinto*)
 **Quintus similis est* (mas sim: ↔ *Q. similis est Marco*)

A frase seguinte tem uma estrutura de superfície aparentemente idêntica à anterior. Mas vejamos:

Marcus et Quintus docti sunt (cf. *M. et Q. similes sunt*)
Marcus doctus est (cf. **Marcus similis est*)
Quintus doctus est (cf. **Quintus similis est*)

Finalmente, apreciaremos a frase seguinte:

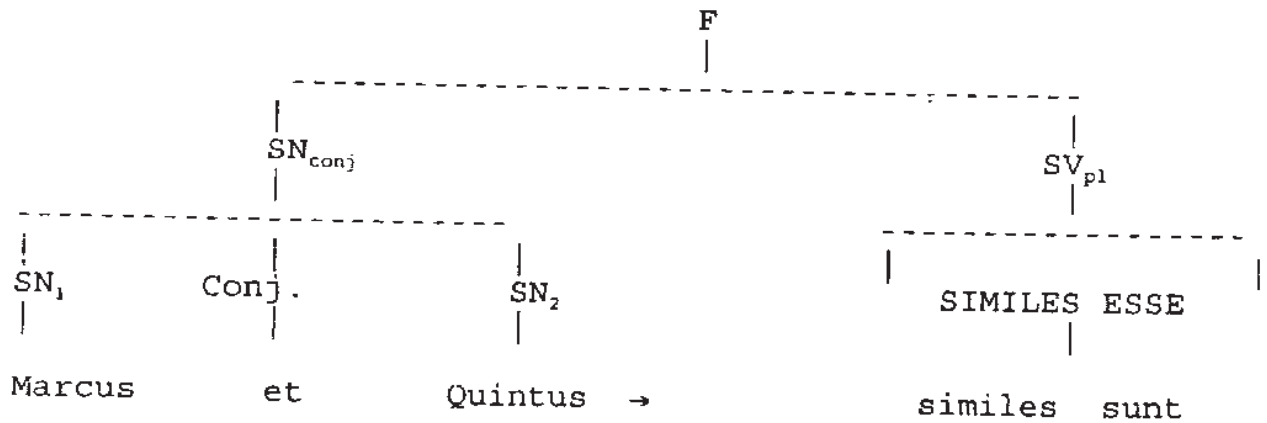
Titus familiaris est regi

**Rex familiaris est Tito*

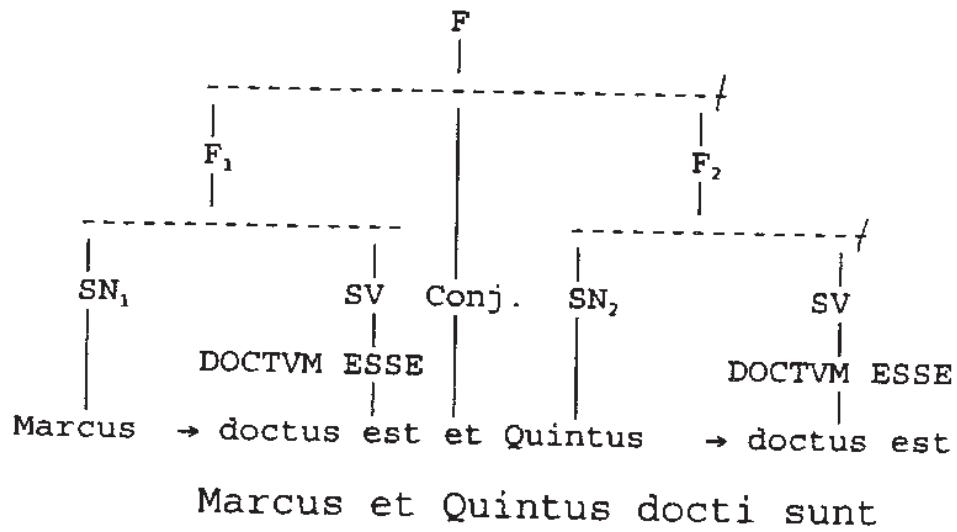
**Titus et rex familiares sunt*

Como descrever as estruturas profundas de cada uma destas frases? Qual a sua representação semântica, feita de modo que permitam ou proibam certas derivações?

(32)



(33)



Como se vê, as duas frases têm estruturas completamente diferentes:

Na frase (32), o sintagma SIMILES ESSE e os dois SN fazem parte de uma única frase em estrutura profunda. Mesmo quando da derivação, esses dois SN são de expressão obrigatória: um em nominativo, e o outro num caso adequado.

Na frase (33), ou partimos de duas frases distintas, que permitem a derivação do plural com sujeito conjunto, ou partimos da frase no plural e com sujeito conjunto, que nos permite duas derivações independentes, tendo cada frase o seu sujeito.

Um sintagma como *familiaris sum* poderia, à primeira vista, ser incluído no grupo que estamos a estudar.

Consideremos as frases, em português e em latim:

José é familiar do Presidente

↔ J. e o Pr. são familiares

O Presidente é familiar de José

Titus familiaris est regi

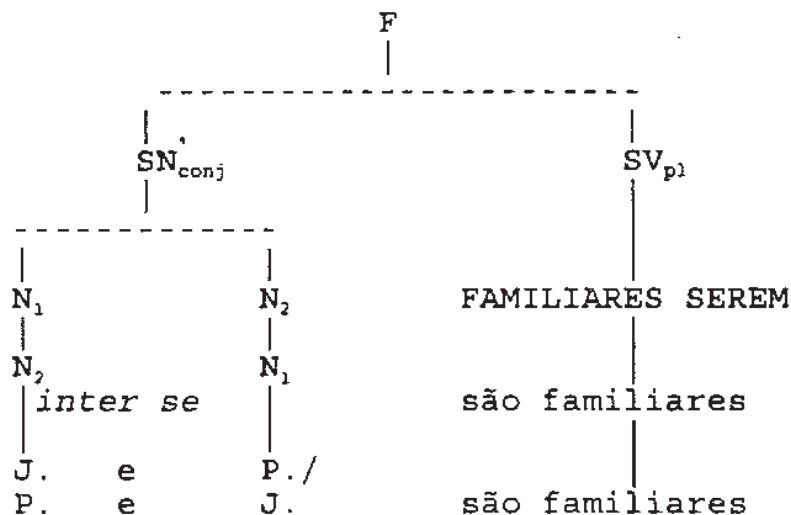
//↔// *Titus et rex familiares sunt

*Rex familiaris est Tito

A representação gráfica ilustra as diferenças:

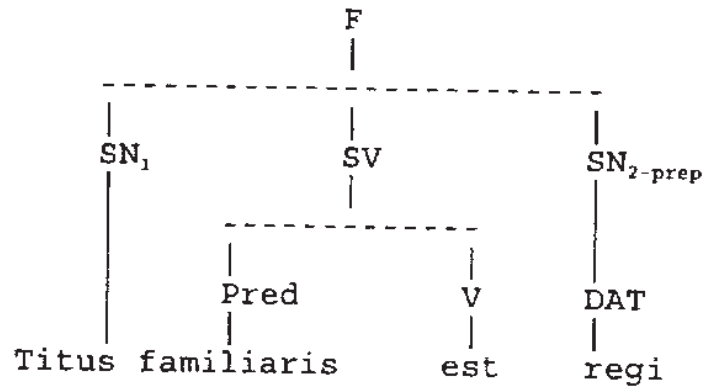
PORTUGUÊS

(34)



LATIM

(35)

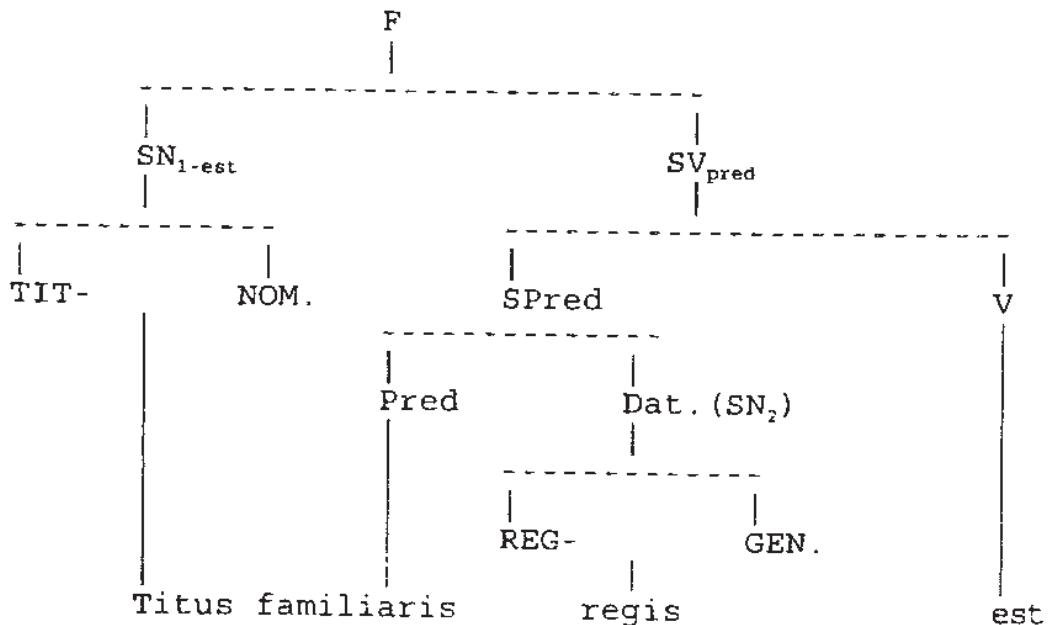


Como descrever o que sucede em latim? É evidente que o port. *familiar* não traduz o lat. *familiaris*.

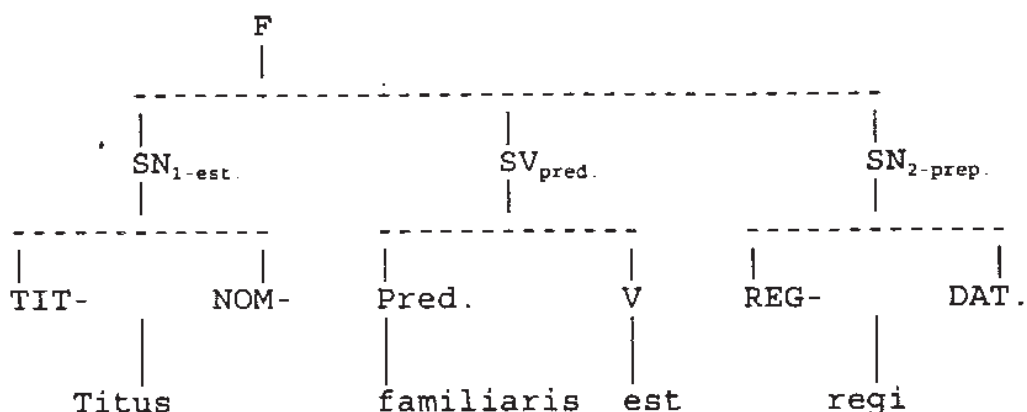
Ainda em port., a palavra *familiar* pode ser uma coisa muito diferente, numa expressão como *familiar do Santo Ofício*, onde, como intuitivamente se vê, contém em si uma relação de *pertença*. É precisamente o que acontece em latim. No fundo, a frase *Titus familiaris est regi* tem a mesma estrutura que a expressão da posse: *mihi est liber*.

Seja qual for a descrição estrutural, os dois SN estarão sempre em níveis diferentes:

(35a)

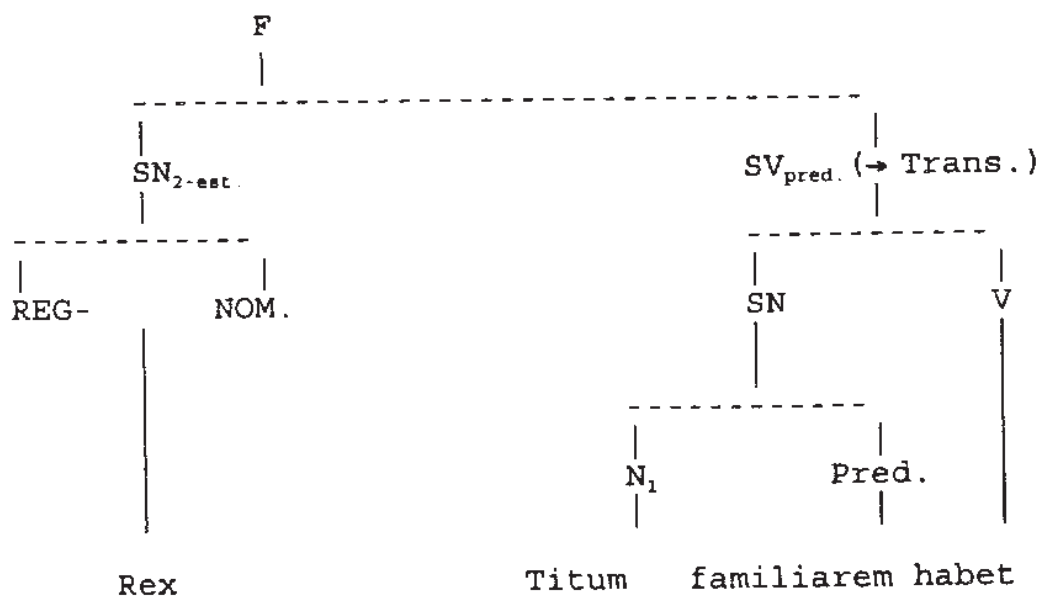


(35b)



Com a construção, historicamente derivada, de *habeo* (transitivização da expressão da posse) teríamos:

(35c)



§6. – Relação comutativa de SN_1 e SN_2 , com substituição obrigatória de SV :
 $SV_1 \leftrightarrow SV_2$

$SN_1+SV_1+SN_2 \leftrightarrow SN_2+SV_2+SN_1$ (V. p. 5, b)

Em relação ao tipo precedente, este caracteriza-se por:

- 1º – Introduzir, na frase inferida, um novo verbo, SV_2 , em substituição de SV_1 ;

- 2º – Não permitir a inferência de sujeito conjunto, o que é consequência da introdução de novo SV;
- 3º – O complemento de SV₁ (SN₂) pode ser diferente do complemento de SV₂ (SN₁).

Apenas três exemplos:

Marcus Quintum terret ↔ *Quintus Marcum timet*
Marcus Quintum punit ↔ *Quintus Marco poenas-dat*
Marcus Quinto persuadet ↔ *Quintus Marco credit*

No propósito de economizar meios descritivos (o que, em linguística formal, tem grande importância), convenhamos em:

- a) Não indicar o tipo de complemento de SV₁, sempre que esteja em acusativo;
- b) Não indicar o tipo de complemento de SV₂, sempre que seja igual ao complemento de SV₁.

Exemplifiquemos com três situações possíveis, dando em primeiro lugar a descrição extensiva, e a seguir a descrição abreviada:

Tipo SN₁+SV₁+SN₂ ↔ SN₂+SV₂+SN₁

Descrição extensiva:

*Terreo*₂: SN₁... SN_{2-ac.} ↔ *Timeo*: SN₂ ... SN_{1-ac.}

Descrição abreviada:

Terreo ↔ *Timeo*

Descrição extensiva:

Punio: SN₁... SN_{2-ac.} ↔ *poenas do*: SN₂... SN_{1-dat.}

Descrição abreviada:

Punio ↔ *Poenas do*... SN_{1-dat.}

Descrição extensiva:

Persuadeo: SN₁... SN_{2-dat.} ↔ *credo*₂: SN₂... SN_{1-dat.}

Descrição abreviada:

Persuadeo ... SN_{2-dat.} ↔ *credo*₂

Damos a seguir uma pequena lista de verbos que se prestam a este tipo de descrição.

uerbero/caedo₁ ↔ **uapulo...** *ab* SN₁
punio ↔ **poenas do...** SN_{1-dat.}
do/mitto₁/**credo**₁/**tribuo...** SN_{2-dat.} ↔
accipio... *ab/ex/de* SN₁
dico... SN_{2-dat.} ↔ **audio...** *ab/ex/de* SN₁
uendo... SN_{2-dat.} ↔ **emo...** *ab/de* SN₁
doceo (SN-ac.)... SN_{2-ac.} ↔ **disco** (SN-ac.)... *ab/apud* SN₁
respondeo (SN-*qc.*)... SN_{2-dat.} ↔ **interrogo** (SN-ac.)... SN_{1-ac.}
fugo/terreo₁ ↔ **fugio**
terreo₂ ↔ **timeo**
persuadeo... SN_{2-dat.} ↔ **credo**₂
interficio/caedo ↔ **morior/cado...** [**±SN**_{1-abl.} + **SV**_{1-nti} /
manu SN_{1-gen.}]:
 Ex.: *Marcus Quintum interficit* ↔
Quintus cadit Marco interficienti/Marci manu
uxorem duco (SN_{1-HOM}; SN_{2-MVL}) ↔ **nubo** (SN_{2-MVL}; SN_{1-HOM})... SN_{1-dat.}
 Notar que o port. *casar* pertence a outro tipo. Em descrição abreviada:
casar... *com* SN₂ ↔ ↔ **±um com o outro**

Naturalmente, as relações familiares também se prestam a este tipo de descrição. Damos alguns exemplos:

pater ↔ **filius/-a** **filius** ↔ **pater/mater**
mater ↔ **filia/-us** **filia** ↔ **mater/pater**
dominus ↔ **seruus/-a** **seruus** ↔ **dominus/-a**
domina ↔ **serua/-us** **serua** ↔ **domina/-us**
frater ↔ **soror** ↔ **fratres**
nouerca ↔ **priuignus/-a**
uitricus ↔ **priuignus/-a**
auus/auia ↔ **nepos/neptis**
abauus/abauia ↔ **pronepos/proneptis**
atauus/atauia ↔ **abnepos/abneptis**
maritus/uir ↔ **marita/uxor** ↔ **coniuges**
patronus ↔ **cliens**
magister ↔ **discipulus**
debitor ↔ **creditor** **emptor** ↔ **uenditor**

§7. – Considerações finais sobre a validade deste método de análise e descrição; seu valor didático; exercícios de aplicação e sugestões de trabalhos

Os métodos e os processos descritivos que ficaram expostos podem merecer, sem dúvida, críticas mais ou menos severas.

Por exemplo, o gramático tradicional dirá que, no fundo, nada se disse, que não se soubesse anteriormente; que os métodos tradicionais ensinam a mesma coisa; que a consulta dum dicionário comum e dum manual de gramática esclarece todos os problemas; que, finalmente, se trata de vestir de novo o antigo.

Por outro lado, os generativistas da escola chomskyana, embora reconhecendo certas deficiências dos seus modelos de análise e descrição, entenderão que estes é que devem ser aperfeiçoados, segundo uma linha formalista, na qual a componente sintáctica se deve sobrepôr a considerações lógico-semânticas.

Finalmente, os modernos semanticistas poderão encontrar no nosso modelo certos elementos menos ortodoxos.

Seja como for, parece-nos que o processo pode ganhar um certo valor didático. De facto, se a escola em que todos aprendemos investigava os nossos conhecimentos gramaticais através de exercícios como o da transformação do ablativo absoluto em proposições conjuncionais e vice-versa, versão do discurso directo em indirecto, etc., também nos é legítimo propor exercícios do tipo atrás estudado.

EXERCÍCIOS

1. – *Hannibal multos annos de imperio cum populo Romano certavit.*
2. – *Decertare soliti sunt inter se Demosthenes et Aeschines.*
3. – *Pugnat cum honestate utilitas.*
4. – *Frigida pugnabant calidis.*
5. – *Natura atque luxuria depugnant.*
6. – *Inter se luctantur cornibus haedi.*
7. – *Marcus multa cum Quinto fratre per litteras colloquitur.*
8. – *Quid enim tam distans quam a seueritate comitas?*
9. – *Distant multum sidera inter se.*
10. – *Haec loca a Brundisio milia passuum ducenta absunt.*
11. – *... ut intelletis discrepare ab aequitate sapientiam.*

12. – *Discrepant hae duae leges inter se.*
13. – *Dissidet scriptum a sententia.*
14. – *Temeritas non procul abhorret ab insania.*
15. – *Philosophi cum his oratoribus consentiunt.*
16. – *Est finitimus oratori poeta et paene par.*
17. – *Marcus et Quintus sunt inter se pares et aequales.*
18. – *Nihil tam dissimile quam Cotta Sulpicio.*
19. – *Ego uapulando, ille uerberando, usque ambo defessi sumus.*
20. – *His duobus duae Tulliae nupserant.*
21. – *Humanitatem iis tribuere debemus, a quibus accepimus.*
22. – *Saepe hoc a/de/ex/maioribus natu audiuius.*
23. – *Sequor eas uias, quas didici ab Antiocho.*
24. – *Marcus Quinto dixit Tulliam infirmam esse.*
25. – *Titus familiaris est regi.*

Por exemplo, a frase (21) levaria à descrição do par de verbos de "dar" e "receber":

Humanitatem iis tribuere debemus, a quibus accepimus:

Humanitatem ii a nobis accipere debent, qui nobis tribuerunt.

É claro que nem todas as frases apresentadas se prestam a este tipo de exercício... mas é preciso mostrar porquê – o que não se reveste de menor valor.

Bibliografia

- ANDERSON, J. M. – DUBOIS-CHARLIER, F. edd. – *Langages*, 38 (Junho 1975).
La grammaire des cas
- BACH, E. – HARMS, R. T. edd. – *Universals in Linguistic Theory*. Londres (...), 1970 (reimpr. 1972)
- BAR-HILLEL, Y. – "Syntaxe logique et sémantique". *Langages*, 2 (Junho 1966), pp. 31-41 (art. de 1954)
- BORILLO, A. – "Remarques sur les verbes symétriques français". *Langue Française*, 11 (Set. 1971), pp. 17-31
- BREKLE, H. E. – *Sémantique*. Paris, Colin, 1974
- CHOMSKY, N. – "Syntaxe logique et sémantique: leur pertinence linguistique". *Langages*, 2 (junho 1966), pp. 42-57 (art. de 1955: resposta a Bar-Hillel)
- COUMET, E – DUCROT, O. – GATTEGNO, J. edd. – *Langages*, 2 (Junho 1966):
Logique et linguistique
- DUBOIS-CHARLIER, F. – GALMICHE, M. – *Langages*, 27 (Set. 1972): *La sémantique générative*

- DUBOIS-CHARLIER, F. – "La sémantique générative: une nouvelle théorie linguistique?". *Langages*, 27 (Set. 1972), pp. 5-77
- DUCROT, O. – "Logique et linguistique". *Langages*, 2 (Junho 66), pp. 3-30
- FAUCONNIER, G. – "Points de vue récents sur les rapports entre la logique et la grammaire". *Langages*, 30 (Junho 1973), pp. 20-31
- GALMICHE, M. – *Sémantique générative*. Paris, Larousse, 1975
- GALMICHE, M. – "Représentation sémantique et insertion lexicale". *Langages*, 27 (Set. 1972), pp. 78-127
- GROSS, M. – STÉFANINI edd. – *Langue Française*, 11 (Set. 1971): *Syntaxe transformationnelle du français*
- LEECH, G. – *Semantics*. Penguin Books, 1974 (1975, 1976)
- MC CAWLEY, J. D. – "The role of semantics in a grammar". In Bach – Harms, *Universals...*, pp. 124-169
- NIQUE, C. – *Initiation méthodique à la grammaire générative*. Paris, Colin, 1974 (Há trad. port. de M. Noia, M. A. Garcia e N. S. Mendes, Publicações Dom Quixote, 1977)
- QUINE, W. V. – "La logique et l'éclaircissement de problèmes syntaxiques". *Langages*, 2 (Junho 1966), pp. 58-64 (trad. de art. de 1962)
- SALMON, W. C. – *Curso Moderno de Filosofia – Lógica*. Rio de Janeiro, 1971 (2ª ed.)
- ZUBER, R. ed. – *Langages*, 30 (Junho 1973): *Logique et langage*
- ZUBER, R. – "Quelques problèmes de logique et langage". *Langages*, 30 (Junho 1973), pp. 3-19